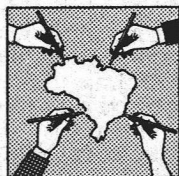


Embaixador nos EUA defende negociações

Ricúpero compara crise à situação de 1822 e aponta saída no acordo proposto pelo governo

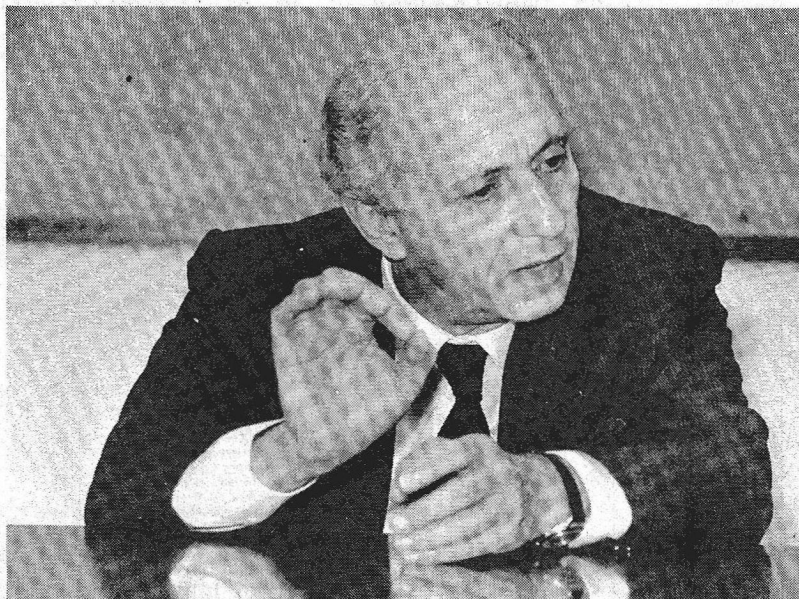
PAULO SOTERO
Correspondente



WASHINGTON — O embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Rubens Ricúpero, usou a cere-

minônia de celebração do 7 de Setembro, ontem, para engrossar o coro crescente que defende a busca de uma ampla negociação política para superar a crise nacional. Em lugar de repetir as platitudes que geralmente marcam essas ocasiões, o embaixador afirmou que “é preciso passar por um grande e alto entendimento político, por um acordo sobre como o poder deve ser legitimamente distribuído e exercido” para que o País possa reencontrar o caminho de um projeto nacional viável.

Em discurso para mais de 300 brasileiros nos jardins da residência oficial da embaixada, num fim de manhã ensolarado em Washington, Ricúpero usou a celebração da data nacional para fazer uma reflexão “sobre o sentido mesmo da independência”. “A tomada de consciência de nosso defeitos, falhas e imperfeições não deve



Ailton de Freitas/AE—29/11/90

Ricúpero: “É hora de pormos à prova nossa vocação”

fazer-nos perder o senso de proporção e perspectiva, a auto-estima legítima e a fé no potencial de nosso povo de crescer na adversidade e superar os desafios do presente”, disse o veterano diplomata. “É hora de pormos à prova a idéia lisonjeira que fazemos de nossa vocação para a conciliação e o compromisso.”

Ao buscar um paralelo histórico, Ricúpero comparou a crise atual com os anos turbulentos que se seguiram a 7 de setembro de 1822, período em que o projeto liberal de José Bonifácio chocou-se “com o

país herdado da colônia, o país da escravidão e da grande propriedade”. O resultado foi “o período anárquico da Regência, durante o qual a sobrevivência (*do Brasil*) como nação integrada e única correu sério risco”. Para o embaixador, que assumiu a representação brasileira no mês passado, “esta é a lição que temos de buscar na nossa História”. nesse momento de mudança da ordem mundial, “lembrando que a saída das angústias da Regência não se deu pela repressão mas pelo entendimento político da Maioridade”.